

Firjan diz que PIB cresce, no mínimo, 3,5% em 97

Desempenho dos dois últimos trimestres de 96 já garantem expansão moderada da economia no ano que vem

por Lívia Ferrari
do Rio

Os cenários traçados pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) apontam para crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 1997 de, no mínimo, 3,5% e, no máximo, 5% – ambos patamares superiores aos 3,2% projetados para 1996. Apesar das medidas anunciadas pelo governo de apoio às exportações, o déficit da balança comercial também crescerá, devendo variar entre US\$ 6 bilhões e US\$ 7 bilhões no próximo ano, acima, portanto, dos US\$ 5 bilhões esperados para 1996.

O presidente da Firjan, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, do Grupo Ipiranga, afirma que o impulso da economia, observado nos dois últimos trimestres de 1996, já garante, por si só, crescimento mínimo de 3,5% no PIB, em 1997. Ele afirma, porém, que, caso sejam aprovadas as reformas fiscal, administrativa e

As expectativas da Firjan		
1997	Mínimo	Máximo
Taxa de crescimento do PIB (%)	3,5	5,0
Inflação (%)	5,0	7,0
Juros nominais (%)	19,0	22,0
Déficit da balança comercial (US\$ bilhões)	6,0	7,0
Déficit da conta corrente (% do PIB)	3,5	4,0
Déficit operacional (% PIB)	2,8	4,0

previdenciária, pendentes no Congresso, a atividade econômica poderá superar 5% ao ano.

As projeções da Firjan não captam, contudo, os possíveis impactos da futura aprovação ou não pelo Congresso da emenda da reeleição presidencial. Gouvêa Vieira espera que emenda seja aprovada no início

de janeiro próximo, a fim de que o Legislativo possa, logo após, se ocupar da votação das “demais reformas estruturais tão necessárias ao País”.

Apesar dessa pendência, o presidente do Conselho Empresarial de Economia da Firjan, Carlos Mariani Bittencourt (grupo Mariani), acredita que 1997 será um “ano favorá-

vel para a economia brasileira”. As previsões da entidade apontam para taxa de inflação entre 5% e 7% e indicam queda nas taxas de juros nominais, que deverão ficar entre 19% e 22%, significando juros reais de até 13% ao ano, ou seja, abaixo dos 18% praticados em 1996.

As previsões da Firjan não sinalizam, contudo, melhorias na situação do déficit em conta corrente, que poderá atingir até 4% do PIB, em 1997. Ainda assim, o significativo aumento do investimento direto, que acumulou até outubro US\$ 6,6 bilhões, é considerado pelos especialistas da Firjan suficiente para financiar 40% do déficit em conta corrente, o que configura uma situação tranquilizadora na ótica dos empresários fluminenses.

Eles reconhecem que o desempenho fiscal em 1996 deixou a desejar e é considerado a principal ameaça ao programa de estabilização. Diante disso, os cenários traçados pela Firjan para o próximo ano são bastante dis-

pares em relação ao comportamento do déficit operacional, que poderá variar entre 2,8% e 4% em 1997.

Mesmo assim, pesquisa de opinião realizada junto a 52 empresários, dirigentes Federação, reflete otimismo do setor industrial com relação às perspectivas para 1997. Esse otimismo pode ser mensurado pelos planos de investimentos das empresas, assinalados por 88% dos empresários pesquisados.

Segundo os mesmos levantamentos, 70% dos entrevistados estão otimistas com a possibilidade de aprovação das reformas estruturais em 1997; 84% deles mostraram-se favoráveis à aprovação da emenda da reeleição ainda para Fernando Henrique Cardoso, enquanto 10% da amostra ainda é contrária à tese da reeleição e 6% é favorável, mas apenas a partir dos próximos dirigentes.

As perspectivas favoráveis da classe empresarial fluminense baseam-se no bom desempenho da economia do Rio, mensurado por estudos da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que revelam que, em 1996, o Rio de Janeiro elevou para 13,5% sua participação no PIB brasileiro. Em 1995, essa participação foi de 12,61%. Com isso, o estado consolidou posição de segunda maior economia do País.

Baseado em dados do Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE), Mariani lembrou que a produção industrial do Rio cresceu 3,2% até setembro último, segundo maior crescimento do país, ficando atrás apenas da Bahia, que acumulou expansão de 4,8% no período. Já a produção industrial de São Paulo, a maior economia do País, teve recuo de 3,9% até setembro, ficando abaixo da média nacional, com queda de 0,5%.

Indicadores divulgados ontem pela Firjan revelam que as vendas reais da indústria fluminense tiveram expansão de 6,2% até novembro. Apesar desse aumento nas vendas, o pessoal ocupado na indústria do Rio teve queda de 8,89% no período e a massa salarial apresentou recuo de 6,8%. Isso significa perda de 30.750 postos de trabalho entre janeiro e novembro.